

## MARACATU SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA POLÍTICA E RELIGIÃO

Jair Nery de Medeiros <sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo tem como objetivo proporcionar uma breve discussão sobre os maracatus como símbolo de resistência política e religiosa e não apenas pensar o maracatu como uma manifestação folclórica que envolve dança e música, mas também que está ligada a crenças religiosas aos terreiros das religiões afro-brasileiras além de ser símbolo de resistência política, desde seu surgimento em meados do século XVII no estado de Pernambuco durante o período em que pessoas negras ainda eram escravizadas, ao serem vendidos como escravos, os negros trouxeram para o Brasil suas raízes. O maracatu, portanto, reúne elementos não só da cultura africana, mas também da portuguesa e indígena, como resistência o maracatu exalta os negros e se contrapõe à uma ideologia do embranquecimento além de representar uma importante ferramenta de militância e resistência contra a história da hegemonia branca porque dá visibilidade à cultura afro-brasileira porém acreditando que possamos possibilitar através deste estudo fazer uma reflexão acerca da forma de pensar de como os maracatus são tão importantes pela sua simbologia de resistência política e religiosa.

**Palavras-chave:** Maracatu. Resistência. Política.

### INTRODUÇÃO

O maracatu nação surgiu como forma de resistência dos povos escravizados em relação aos colonizadores portugueses é uma manifestação folclórica que envolve dança e música e está ligada a crença religiosa realizada através de rituais religiosos junto aos terreiros das religiões afro-brasileiras. “A palavra maracatu possui origem nos termos maracá, que significa instrumento de percussão indígena, e catu, que quer dizer “bom/bonito” em tupi.

Em 1º de agosto é comemorado o Dia Nacional do Maracatu. A data possui o objetivo de fortalecer a tradição cultural e é uma homenagem ao nascimento do mestre Luiz França, que foi responsável por comandar o Maracatu Leão Dourado por 40 anos. é inegável que o nosso país foi estruturado com base na intolerância e no racismo, o que resultou sistêmico em perseguições a essas mesmas religiões, culminando na demonização de qualquer prática que se afaste do padrão eurocêntrico. Isso tem impedido os devotos dessas religiões de exercerem livremente sua fé, apesar de vivermos em um Estado laico. (FRANCO, Paulo Gilciana “As religiões de matriz africana no Brasil: luta, resistência e sobrevivência” *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 30-46, jan-jun / 2021).

<sup>1</sup> Jair Nery de Medeiros - Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(2015) e especialização em Gestão Educacional e Supervisão Pedagógica pela Faculdade Europeia de Administração e Marketing(2017). Mestrando Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião pela Unicap Universidade Católica de Pernambuco, com experiência na área de Educação Especial.



A sociedade nos tempos atuais de globalização, onde cada vez mais percebe-se a necessidade de emergir dos diversos grupos étnicos pelo não apagamento de suas identidades, o que aparentemente vemos no Brasil e grande crescimento em reassumir seu protagonismo negro em todos os campos esféricos sociais sejam eles através da arte e da cultura ao mesmo serem reconhecidos nas dimensões políticas e religiosas.

Embora o maracatu possa ser um mecanismo que se relaciona com a dança e a cultura ele é um objeto de construção identitária além de estar comprometido como símbolo da ancestralidade africana vivenciada em sua estrutura.

## ENTENDENDO OS DIFERENTES MARACATUS

Para uma maior compreensão acerca do que seja o maracatu é importante salientar que existe diferentes tipos pois ao serem escravizados em sua vida para o Brasil os negros trouxeram suas raízes nesse contexto o maracatu reúne elementos não só da cultura africana, mas também portuguesa e indígena portanto podemos fazer uma breve descrição dos tipos de maracatus:

- Maracatu de Baque Virado tem suas origens na instituição dos reis negros, conhecida em Portugal desde o século XVI. Em Pernambuco, os estudos apontam o ano de 1674 como data dos primeiros registros de coroações de soberanos do Congo e de Angola, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no Recife. Esses cortejos passaram a acontecer também no Carnaval e receberam, na época, a denominação de maracatus - conotação pejorativa para denominar “ajuntamento de negros”.
- Maracatu de Baque Solto surgiu na Zona da Mata Norte pernambucana, no final do século XIX, como “brincadeira de cambindas” (homens que se vestiam de mulher), uma brincadeira eminentemente masculina. É o resultado da junção cultural de diversos folguedos populares da região canavieira, como o bumba-meu-boi, o pastoril, o cavalo-marinho e o reisado. Nele não existe a Corte Real e o seu maior destaque é a presença do caboclo de lança, também chamado de lanceiro ou caboclo de guiada.

## MARACATU HISTÓRICO PERSISTE E RESISTE

Historicamente o maracatu surgiu no século XVII no estado de Pernambuco, durante o período colonial do Brasil. Estando associado aos aspectos culturais vindo do continente africano, sendo uma reconstituição a coração dos reis e rainhas congolezes.

A coroação dos reis e rainhas do congo foi transformada no maracatu, cuja nomenclatura surge na imprensa a partir do final da primeira metade do século XIX, para denominar os aglomerados de negros, anotada por José Antônio Gonsalves de Mello em consulta à edição do Diário de Pernambuco de 1º de julho de 1845. Os cortejos de maracatu organizados pelos

pretos de Angola eram alvo de perseguição policial, denúncias à Inquisição de Lisboa por parte dos frades capuchinhos e configurava motivo de censura por parte das classes dominantes; segundo registra o jornal O Diário de Pernambuco, em sua edição de 11 de novembro de 1856 ao tratar do maracatu da Praça da Boa Vista:

No domingo, os pretinhos do Rosário, talvez avezados, quiseram apresentar na Praça da Boa Vista o seu maracatu; a polícia, porém, dispersou-os, não porque julgasse que aquele inocente divertimento era atentatório à ordem pública, mas porque do maracatu passariam à bebedeira, e daí aos distúrbios como sempre acontece; obrou-se muito bem (SILVA, 1999. p, 363).

De acordo o historiador Leonardo Dantas Silva (200), a imagem do rei e da rainha do Congo as partir da abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889, perdeu seu significado. Os cortejos que já estavam presentes no carnaval davam poder temporal e espiritual aos Babalorixás dos cultos nagôs. Baseado em de Katarina Real (1991) pesquisadora que desempenhou um papel importante na pesquisa e aprofundamento e organização com relação ao atual Carnaval do Recife, material importante como texto, relatos fotografias – a palavra “nação” era utilizada pelos pesquisadores ao invés de “maracatu” por despertar confusão a respeito seu significado. Dessa forma a autora se refere à nação de maracatu para se referir “as nações africanas, filiadas as instituições da Coroação do Rei do Congo filiadas às Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e a devoção a São Benedito.

## **RESISTIR PARA SOBREVIVER A INTOLERÂNCIA AMEAÇA OS MARACATUS**

Embora exista diferentes tipos de maracatus como os já citados anteriormente, sejam eles nação e rural ainda poderíamos aqui mencionar os estilizados e até maracatu evangélico o que nesta configuração distorce do seu verdadeiro significado e representatividade de resistência política e religiosa.

Segundo mestre do maracatu Nação Porto Rico desde 1988, Chacon Viana é também um estudioso das tradições afrobrasileiras. “Se a gente tira a religião de dentro do maracatu, o maracatu vira qualquer coisa. O maracatu no início do século 19 foi uma válvula de escape para o povo de terreiro, com a perseguição às religiões de matriz africana. Tivemos vários períodos em que proibiram os cultos. A forma de resistir a isso foi pegando o maracatu e indo com seus tambores para a rua, nas festas de santos católicos. Aí sim, os negros eram autorizados a tocar os tambores. Só que, quando a igreja católica pensava que aquilo ali era só maracatu, era o nosso candomblé na rua. Era a forma que tínhamos de cultivar e brincar com nossos orixás, de fazer com que nossa tradição se mantivesse viva. O maracatu foi uma válvula de escape para os terreiros de candomblé”, conta Chacon. (entrevista para o site marco zero) (Santos, 2019):

O próprio Chacon viveu na família a saída de um membro quando a filha se converteu. Durou apenas dois anos. ‘Ela era adulta, de maior. No dia que

quis voltar, voltou. Sempre tocou desde criança, dançava também. Quando entrou no evangelismo saiu de tudo: da religião e do maracatu. Mas quando voltou, também voltou para tudo. A questão é só o respeito. Cada um possui sua posição', acredita. Por ser um dos mais conhecidos maracatus do estado, o Porto Rico não sente tanto quando alguém sai. 'Temos aí 50% de pessoal de fora, mas tem muita gente da comunidade também', diz.

A escola de uma religião, parte do princípio de ser algo pessoal, para os maracatuzeiros se alguém se torna evangélico e deixa um maracatu há lamentações, mas também compreensão. Pois o maracatu é uma expressão cultural de uma religião e, ao pertencer à outra, é até natural a saída. Além disso os maracatus sofrem com o crescimento de igrejas evangélicas exemplo disso é o maracatu Encanto do Pina (Recife) onde membros de uma igreja tentaram fazer um abaixo-assinado cuja reivindicação era tira o maracatu do seu local, felizmente não conseguiram pelo fato da comunidade não ter comprado a ideia. "É um trabalho árduo. Sempre temos que estar conversando com as pessoas. É tenso", comenta a mestre do Encanto do Pina, Joana Dark, única mulher a comandar um maracatu de baque virado no Recife. Além disso outra questão enfrentada pelo maracatu Encanto do Pina, a tática da igreja evangélica que fica na mesma localidade é abordar crianças e mães que vão para as atividades sociais do grupo. "Falamos que o maracatu é coisa do demônio. É uma lavagem cerebral que eles fazem, principalmente nos jovens, nas crianças. E fora isso tem a intolerância de alguns moradores que, mesmo não sendo evangélicos, se influenciam e não deixa os jovens participarem das nossas atividades", conta Joana. entrevista para o site marco zero) (Santos, 2019).

## **MUSEU: VIDA OU MORTE?**

Dentro do aspecto da antiguidade, podemos assim perceber em certas nações de maracatus o conceito se "museu" funciona de forma diferente, porque esses maracatuzeiros se orgulham de nunca terem passado por um museu, porque os museus remetem ao conceito de estagnação e de até inatividade sobre a prática do maracatu por uma determinada comunidade.

A partir do Aspecto da antiguidade é possível em algumas nações se orgulham de não ter passado pelo Museu. Segundo Clarissa Kubrusly (2012) no seu artigo intitulado "Katarina Rea(1927-2006)| e os Maracatus- Nações Estrela Brilhante". Argumenta que os museus ocupam no imaginário dos maracatuzeiros lugar de morte. Cria vazio mesmo immortalizando.

O caso mais conhecido de uma nação que foi para o museu é a Nação de Maracatu Elefante, conhecido como um maior maracatu dos anos de 1950, que foi dirigido pela rainha Dona Santa, o Elefante foi a nação estudada por Guerra-Peixe como fonte principal do seu livro de 1955, Dona santa faleceu em 1962 e os objetos do maracatu, poucos anos depois, foram para o museu do homem do nordeste.

Embora a relação museu enquanto espaço de reconhecimento oficial continua não sendo consenso para os maracatuzeiros e suas nações.

Nesse sentido tal perspectiva do museu enquanto local de suposta estagnação da cultura dialoga, ao ser problematizada no atual processo de registro patrimonial do maracatu-nação pernambucano, com os sentidos produzidos pelos maracatuzeiros dentro desse processo, pois há a ideia de que a chancela vai cumprir este papel de valorização da cultura do maracatu, mas não o reconhecimento oficial dos detentores desse fazer cultural. Tais sentidos circulam e estão em negociação no próprio campo de interlocução já mencionado.

## **ANCESTRALIDADE**

A ancestralidade para os devotos maracatuzeiros é o que emergem é a valorização dos espíritos dos seus antepassados ou de pessoas que foram importantes história do maracatu que já morreram. Esses espíritos são chamados de Egus que são corporificados dentro das nações através das bonecas chamadas calungas proteção.

Sobre a importância atribuída às Calungas Arthur Ramos (2007) afirma:

Os maracatus não festejam apenas a sobrevivências histórica e totêmica. Festejam a religião. Aproveitam-se do carnaval, iludiram a perspicácia dos brancos opressores e festejam seus reis. As instituições, a sua religião. Entre os seus deuses, adoraram a calunga, um dos maiores, um motivo universal o deus do mar e das águas (RAMOS, 2007, p. 80).

No sentido produzido pelos maracatuzeiros sobre sua prática o maracatu é também religião no qual as pessoas professam sua fé como parta da vivência no Maracatu, e mantém relações com o culto do Xangô pernambucano ou da jurema segundo Segato (1995) No Recife a Variante que predomina a tradição Afro- Brasileira do culto aos orixás recebe o nome de Xangô o que não impede de as pessoas utilizarem a denominação de candomblé, mais comum na Bahia. Do outro lado da Macumba é um culto paralelo, praticado tradicionalmente na cidade do Recife onde é chamado de Jurema, catimbó e as vezes toré, diferente do Xangô o candomblé se concentra em espíritos Autóctones, brasileiros, como os caboclos, pretos velhos, vaqueiros, exus pomba-gira (SEGATO 1995, P. 48-19).

Sendo assim quando os maracatuzeiros se referem à ancestralidade, dentre os vários sentidos produzidos dentro das nações de maracatu, o que emerge deste sentido é a valorização dos espíritos dos seus antepassados ou de pessoas que foram importantes para história do maracatu que já morreram.

## A FORÇA DA RESISTÊNCIA FEMININA

Quando falamos da força e resistência feminina no Maracatu temos duas autênticas representantes dessa luta contra o racismo e intolerância religiosa: Dona Elda, Mãe Elda, Elda d'Oxóssi, rainha Elda, sacerdotisa Elda Viana, Elda de Porto Rico, ialorixá Elda Viana, Elda da Macaia do Oxóssi, títulos que escondem e desvelam uma mulher guerreira de 81 anos, 40 deles como rainha de uma grande nação de baque virado, líder religiosa e gestora, durante 20 anos ela foi a única mola propulsora de toda a nação. Além da articulação política com a prefeitura e outras nações, ela fazia toda a gestão dos recursos para conseguir colocar o maracatu na rua, um maracatu cada vez com mais brilho e beleza.

E nossa segunda personagem é Joana D'arc da Silva Cavalcante – Mestreira Joana, Yakekerê Mãe Joana da Oxum – uma das artistas populares pernambucanas de grande projeção no cenário do país. É a única mulher, até nossos dias, a coordenar e apitar o batuque de uma Nação de Maracatu de baque virado, a Nação Encanto do Pina, além de liderar dois outros grupos: Baque Mulher e Mazuca da Quixaba.

Mestreira Joana, mulher negra, mãe pequena do Ylé Axé Oxum Deym e militante pela comunidade do Bode no bairro do Pina em Recife, carrega consigo o legado de uma das nações mais conhecidas de maracatu de baque virado, a Nação de Maracatu Encanto do Pina, sendo ela mesma a mestreira que rege o baque e que se responsabiliza pela manutenção dessa tradição afro pernambucana.

Sendo a única mestreira de maracatu de baque virado que já houve até o momento, também enfrentou e ainda enfrenta diversas formas de resistência à sua posição hierárquica, interpretadas por ela e outras batuqueiras como posicionamentos de cunho misógino e machista. Muitos foram os que não se referiram a ela como mestreira, mas apenas como Joana, enquanto homens na mesma posição eram reconhecidos como mestres.

Anos e anos de luta para dar continuidade aos trabalhos sociais da Nação de Maracatu Encanto do Pina, Mestreira Joana foi se tornando inspiração para outras mulheres que buscavam se empoderar para superar tais amarras em suas comunidades, em seus mais diversos contextos. Sendo inspiração, Mestreira Joana foi se sensibilizando à necessidade de trazer à tona discussões acerca do papel da mulher no maracatu de baque virado e de como o mesmo pode empoderar mulheres não somente batuqueiras, mas também moradoras da comunidade do Bode e ainda outros bairros mais pobres e periféricos, que muitas vezes não se identificam com as expressões culturais em cena justamente por não terem o protagonismo feminino.

## NOITE DO DENDÊ

A Noite do Dendê: É um festival de cultura popular que tem como marca a tradição, resistência e a força das manifestações culturais afro-brasileiras. Isto fica evidente pela forma

como se dá a realização deste evento que envolve efetivamente as pessoas da comunidade do Bode (Pina/Recife), os grupos culturais e artistas populares de Pernambuco e de outros estados brasileiros todos firmados pela sinergia construída com a força da Nação Maracatu Porto Rico que consegue aglutinar esses atores entorno do propósito de afirmação de uma identidade étnica, cultural e religiosa. O público presente é bastante diverso vindos da região metropolitana, bem como turistas brasileiros estrangeiros. Movimentam a economia do bairro gerando emprego e renda para a população local, durante o período da festa circulam cerca de 5.000 pessoas.

Pereira da Costa publica uma nota em um jornal recifense Diário de Pernambuco, de 1914, uma informação que através dela o nosso mestre quis resgatar esse grande ato religioso: “Fez ontem seu dendê em frente a nossa tenda de trabalho o velho Maracatu Porto Rico”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As religiões afro-brasileira ainda sofre com a intolerância que deslegitima e demonizam a crenças dos devotos destas religiões, embora saibamos que o Brasil é um país sistematicamente racista e intolerante é importante frisar o que em momento alguma essa crença em nada deve as demais religiões pelo contrário deveria ser respeitada por tanto essa desconstrução é necessária como recurso ideológico para o fim da marginalização com as relações afro-brasileiras. O maracatu além de estar ligado ao carnaval ela expressão a ancestralidade de um povo. Sendo assim quer dizer que o maracatu em sua manifestação cultural e religiosa produzem reflexões críticas que reafirmas suas vivências e práticas possibilitando sua consciência política de resistência religiosa.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Lucas. “**Maracatu**”; **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/cultura/maracatu.htm>>. Acesso em 20 de novembro de 2023.2.ed e aum. – Recife: FUNDAJ, Ed Massangana, 1990.

BAQUE MULHER. <<https://baquemulher.com.br/mestrajoana/>>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

BENJAMIN, Roberto Emerson Câmara. **Folgedos e Danças de Pernambuco**: fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1989.

GUERRA-PEIXE, César. **Maracatus do Recife**. Fundação de Cultura da Cidade do Recife: São Paulo: Irmãos Vitale, 1980.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Jurema sagrada: uma religião que cura imaterial em Pernambuco. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (Orgs.). **Tradições & Traduções: a cultura imaterial em Pernambuco**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

REAL, Katarina. O Folclore no Carnaval do Recife, - Apresentação de Leonardo Dantas Silva

SOLTO MAIOR, Mario; SILVA DANTAS, Leonardo. **Antologia do Carnaval do Recife**. FUNDAJ, Ed. Massangana, 1991.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei de Congo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.